

Oleira

-0. NOV. 1993

142
A



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO 1 - N.º 46 - 2 DE ABRIL DE 1942 - PREÇO: 1 ESCUDO

O DR. RAMADA CURTO, grande advogado, notável escritor e dramaturgo, pronunciando no Clube dos 100 à Hora a sua magnífica conferência sobre «Velocidades».

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

RECEBI há cinco minutos a sua carta. É curioso, minha boa amiga: recebi-a precisamente quando procurava esquecer-me de si. Interessante, a sua carta. Afinal, ao contrário do que muitos julgam, as cartas das mulheres não são aquilo que elas escrevem: são aquilo que elas dizem. E aquilo que as mulheres dizem não é mais do que o contrário daquilo que elas pensam. Encoste a sua cabeça loira na sua almofada de cetim preto — repare como o preto vai bem às loiras — e oiça. Faz hoje quarenta e oito horas que você me deu a honra de se zangar comigo. E porquê? Porque eu lhe aconselhei, com a maior sinceridade do mundo, a não sair à rua sem meias. Você — recorda-se? — corou, barafustou, amouu, entornou uma chícara de chá em cima das minhas calças, quasi não me dirigiu palavra todo o resto da tarde, e agora a sua carta, comunicando-me o seu inabalável corte de relações comigo, veio provar-me, mais uma vez, que as mulheres preferem um mau conselho que lhes agrade do que um bom conselho que as contrarie. Não, minha boa amiga. Você não tem razão. Uma perna de mulher vive, em grande parte, da meia que a veste. É a meia que realça a perna, que lhe empresta brilho, que, ao esconder a polpa rosada e fina, lhe redobra o encanto e a faz mais desejada. A moda das pernas nuas é uma moda contraditória. Pode servir a economia: o que lhe garante é que não serve a estética, nem a volúpia. Creia no que lhe digo. Zangue-se comigo, corte relações comigo, considere-me o mais vil de todos os mortais — mas, lá porque a primavera começa, não saia à rua sem meias. Se persistir, porém, na sua ideia — as mulheres são teimosas por profissão — ao menos não se esqueça, às quartas e sábados, de fazer a barba às suas excelentíssimas pernas, minhas senhoras... E, agora, até nunca mais!

MILAGRES

— **Q**UAL vos parece o maior milagre do Antigo Testamento? — perguntou um dia o duque de Aumale a Monsenhor de Mazenod.

— Por certo o de Santo Elias — exclamou certo coronel vermelhaço e rochunchado que ouvira a pergunta. — Na verdade Santo Elias viajou num carro de fogo sem, ao menos, chamuscar os calções...

Logo o prelado, com um sorriso: — Enganai-vos, coronel. Esse milagre não se compara com o da burra de Balaam: que usou da palavra sem ninguém lhe dar!

INTERVALOS

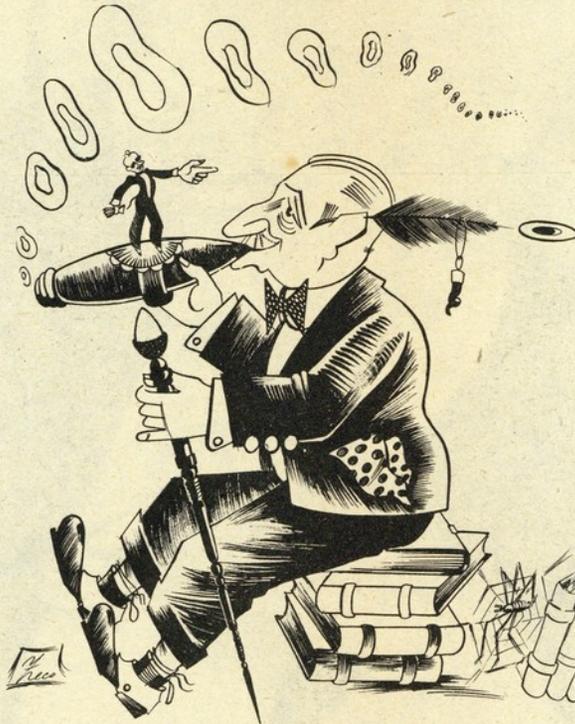
POUCAS coisas são tão difíceis de fazer numa peça em três actos — escreveu Sacha Guitry — do que os dois intervalos.

UM ROMANCISTA

HENRIQUE Botelho de Andrade publicou agora um romance a que deu o título de *Coróia de Espinhos*. São quasi trzentas páginas em que se revela uma incontestável predisposição literária. Entretanto ao fechar o volume podia dizer-se, recordando a hora, espinhosamente económica, que se atravessa:

— Amigo Botelho de Andrade: fique com os espinhos — e passe para cá a coróia...

JOAQUIM DANTAS LEITÃO JÚNIOR



Joaquim Leitão, jornalista, contista, conferencista, secretário mais que perpétuo da Academia, durante muito tempo, usou barbas. Um belo dia, porém, entrou no seu «coiffeur» — barbeiro dito, assim, em francês, cheira a mais fino — e ordenou que lhe cortassem aqueles negros excrecências capilares. O caso fez alvoroço. Mas esse alvoroço redobrou quando Joaquim Leitão surgiu, em plena Chiado, desprovido dos pêlos estimáveis que, através de duas décadas, lhe revestiram o sábio queixo. Que teria acontecido? Que estranhos e fatais designios teriam levado o escritor a desguarnecer-se das suas barbas, limitando-se a ficar com um bigode? Sábios, eruditos, investigadores, homens de ciência ilustres, barbeiros eminentes, depressa se lançaram em pesquisas esgotantes, mas — caso curioso — estava reservada a um pobre humorista a glória de ter descoberto a chave dourada de tão estranho mistério. Joaquim Leitão rapara, «tout court», as barbas pelo forte motivo de que Júlio Dantas, seu divino mestre, também as não usava. Se o autor dos «Galos de Apolo» usava apenas bigode porque havia êle, Joaquim Antunes Leitão Júnior, de usar alguma coisa, capilarmente mais, do que «um morceau de moustache»! Este simples facto, para tantos um vulgar episódio doméstico, transcendendo, entretanto, tão exíguos limites. Define uma personalidade. Caracteriza um sistema. De facto, Joaquim Leitão pode considerar-se fisicamente — já não diremos espiritualmente, porque seria inútil — o discípulo amado do presidente da Academia. As tanças assemelham-se aos bigodes. Num e noutro, a nobre calva académica cintila do mesmo relaxente esplendor. — «C'est monsieur Leitão, n'est ce pas?» — perguntava-nos, numa noite de sessão solene na Academia, um francês, apontando-nos Júlio Dantas. E como lhe tivéssemos dito que Júlio Dantas era a pessoa que se encontrava à direita do Chefe de Estado, êsse francês olhou e exclamou, num sorriso: — «C'est épatant la fraternité des visages!» É precisamente essa fraternidade, não apenas de caras, mas de espirito, que desejamos assinalar, convencidos de que Júlio Dantas se revê no seu discípulo físico e intelectual com a mesma razãoha sinceridade com que Joaquim Leitão ergue os seus olhos para o mestre querido, numa perpétua ternura académica.

VOCAÇÃO

— **E**U sempre tive tendência para o jornalismo — dizia-me ontem Cristiano Lima.

E logo acrescentou: — Já no meu tempo do liceu eu passava o ano a fazer «gazetas»!

SURDOS-MUDOS

COOLEDGE (que foi presidente dos Estados Unidos) era dum laconismo tremendo. Quasi não falava. Um dia, em rapaz, conheceu Grace Goodhue, preceptora num instituto de surdos, gostou dela e com ela veio a casar. Quando se soube do facto não faltou quem exclamasse:

— Depois de entender os surdos, miss Grace vai certamente fazer falar os mudos...

Nunca o conseguiu, porém, inteiramente.

A EXISTÊNCIA

— **F**AZE da tua vida um jardim. A existência é um terreno que Deus nos entregou para cultivar — escrevia, há dias, Augusto de Castro. Nada mais exacto. Só faltou dizer que a vida até fornece o estrume...

AS MULHERES ELEGANTES

UMA mulher elegante nunca deve usar vestidos que deem a impressão de que acabaram de chegar da modista — ou da casa de prego.

MEU MARIDO É UMA MULHER!

SABEMOS que uma numerosa parceria de escritores está terminando uma peça intitulada *Meu marido é uma mulher* e que se destina a ser uma réplica à peça *Minha mulher é um homem*.

Bom proveito!

PAIXÕES

A actriz inglesa Madalena Brohan passou os últimos tempos da sua existência quasi sem sair de casa, limitando-se a receber algumas pessoas íntimas no tranqüilo quinto andar em que vivia. Um dia, visitou-a um antigo admirador do qual lhe:

— Que altura, minha boa amiga!

— Que quere, meu caro Tyl — retorquiu ela — quando se chega à minha idade é a única forma de fazer palpitar o coração dos homens!

DOIDOS COM JUÍZO

O Dr. Alfredo Luso Soares contou-me há dias esta anecdotinha.

Dois loucos em Rilhafoles «brincavam» aos comerciantes: um fazia de comprador; o outro de vendedor. Em determinada altura disse o comprador ao vendedor:

— Querias um quillo de cimento.

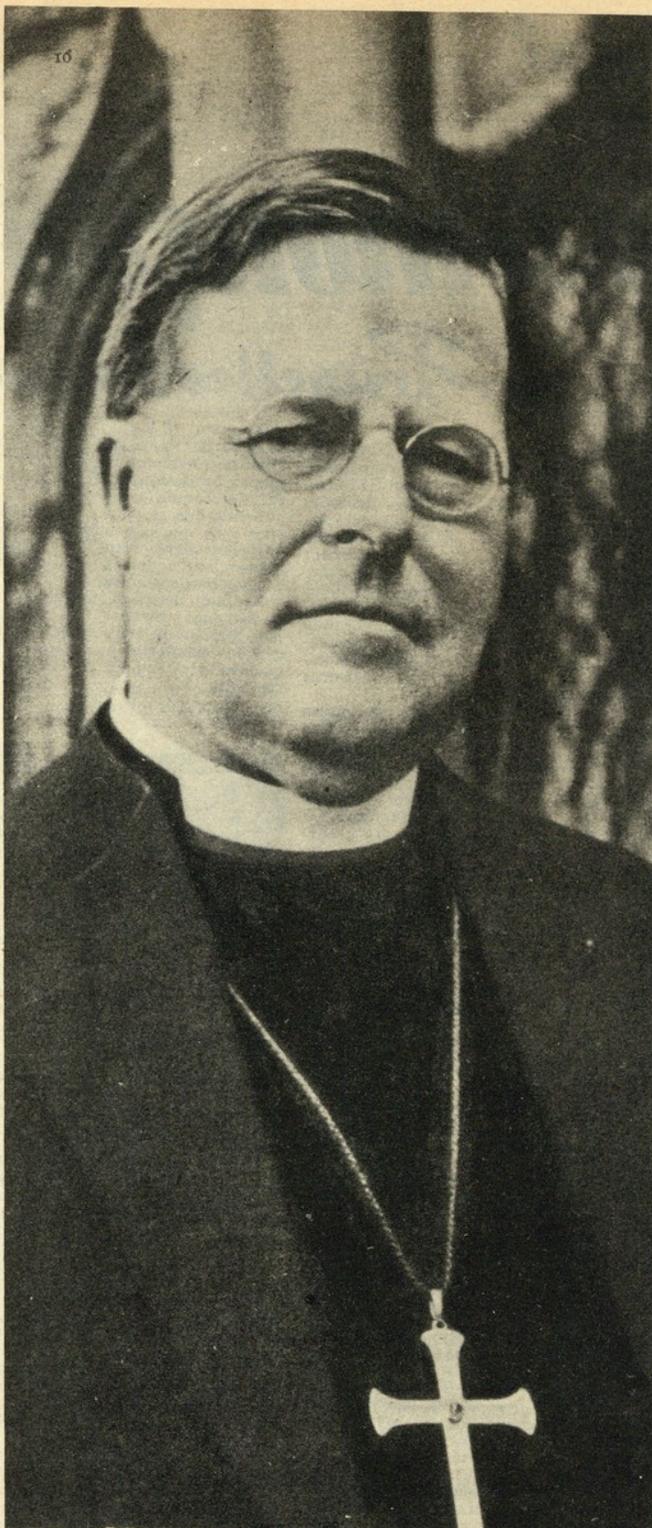
— Está bem. Trazes garrafa?

— Não. É para beber aqui...

MULHERES

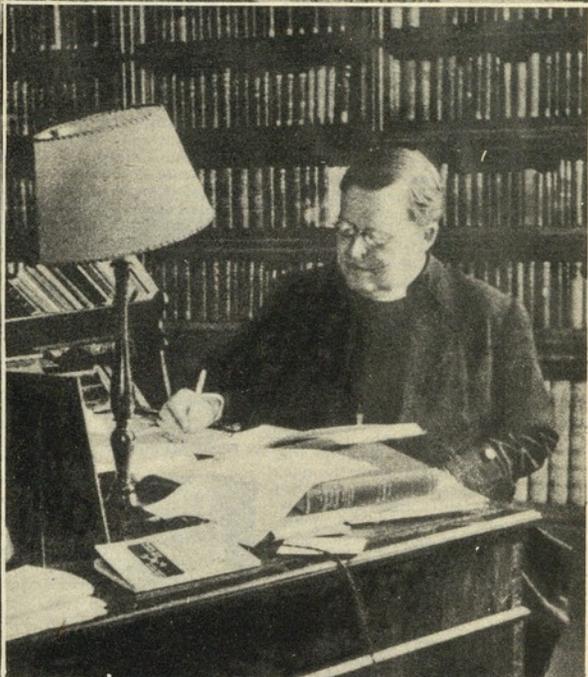
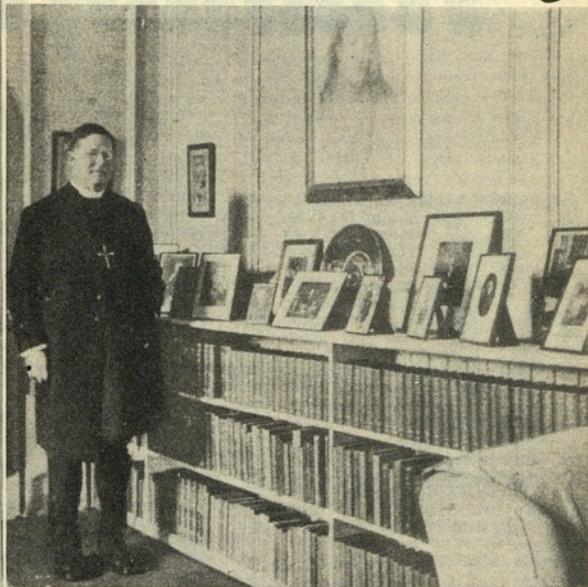
DUAS mulheres estão sempre de acôrdo quando se trata de dizer mal — duma terceira.

Luis S. Oliveira



Dr. Temple

novo arcebispo de Canterbury



O ARCEBISPO DE CANTERBURY — em português, arcebispo de Cantuária — é o chefe da Igreja inglesa. Dêse importante lugar, tomou posse recentemente um novo pastor protestante, sábio e modesto, o dr. Gordon Temple. Há trinta e nove anos, outro Temple, o pai do actual arcebispo, havia exercido as mesmas funções. Pela primeira vez na história da Igreja inglesa, dois membros da mesma família ocupam tão alto cargo em menos de 50 anos. O novo arcebispo nasceu em Exeter e foi educado em Rugby e Balliol. Em 1904, era presidente da União de Oxford e, em 1910, entrou como professor para a escola Repton. Foi depois reitor da grande igreja de Saint James, em Picaddily (Londres) e bispo de Manchester e York. Politicamente, pertenceu ao grupo socialista, tendo, por várias ocasiões, proclamado a sua simpatia pelas aspirações dos trabalhadores. Filósofo, erudito, muito estudioso e culto, tem dividido o seu trabalho pela análise dos problemas sociais e pela valorização das doutrinas religiosas. Aos 64 anos, foi elevado à mais alta posição da Igreja Anglicana — tão importante lugar que basta dizer-se ser êle que coroa os reis de Inglaterra. A sua nomeação foi acolhida com grande simpatia. Da sua cultura, da sua bondade e da sua modéstia, espera o povo britânico novos motivos de encorajamento para arrostar com a crise que atravessa.

panorama internacional

Mudança de monção

por Francisco Velloso

NUM curto espaço de oito dias, talvez nunca como agora se juntassem tantos e tão vários sintomas de transformação dos acontecimentos internacionais da guerra. Vistos um por um, esses factos parecem apenas parcelas isoladas. E são realmente os elementos essenciais, os efeitos inevitáveis de causas que é necessário religar ao problema central e único dos grandes actos que vão atravessar o mundo como uma onda sísmica já prevista.

VENCER DEPRESSA



HALIFAX

Num jantar que lhe ofereceram no dia 17 em Nova Iorque, Lord Halifax prometeu que «os ingleses não têm ideia de combater nesta guerra numa estratégia defensiva» nem o pensamento «de deixar aos inimigos o monopólio da iniciativa». Quatro dias depois, a imprensa de Londres, discutindo prováveis desenvolvimentos da guerra e extensão das frentes, proclamava que «a iniciativa não deve continuar a permanecer nas mãos do Eixo». O Times entrava nestas instâncias preconizando que a Austrália e a Índia devem marcar o início de uma contra-offensiva, e, admitindo que o Japão atacará a Rússia para a forçar a combater em duas frentes quando a Alemanha desencadear a sua segunda e já anunciada ofensiva, advertia que, nesse caso, «será indispensável organizar uma outra linha de ataque dos aliados, e o mais rapidamente possível». Neste sentido enunciou: «Não devemos estar à espera de ver onde o inimigo atacará, mas adiantarmo-nos a ele, de forma a prejudicar os seus planos, antes que sejam amadurecidos. Pelo menos, podemos fazer com que os alemães sofram rigorosamente com os nossos continuos ataques aéreos».

Por sua vez, o almirante inglês Keyes, o herói de Zeebrugge, discursando em Stokenwington, por ocasião da inauguração da «Semana dos Navios de Guerra», comparava o actual momento ao de 1918 para advogar que o esforço britânico no mar (cujo domínio é essencial), em terra e no ar devia atingir a altura do zenite.

Como expressão deste sentir que se vai derramando na opinião inglesa e americana, apareceu a opinião emitida na Câmara dos Comuns por um deputado liberal, Horabin, segundo a que, se o governo abandonasse a atitude defen-

siva, o moral do povo seria mais elevado. «O povo deste país suportará todas as derrotas, se o governo estabelecer uma segunda frente».

Nos Estados Unidos continua a propalar-se a necessidade da ofensiva. Uma pergunta corre com trepidante ansiedade: — Quando estaremos prontos? Cálculos de meios técnicos procuram responder-lhe, sem que no entanto se note nesses pareceres uma firmeza de critério quanto a prazos. Percebe-se que a ideia cerebrina de que «a esquadra americana só daqui a dois anos estará pronta» é apenas uma das manobras da quinta coluna que o presidente Roosevelt novamente e há dias denunciava. Há dois meses que ela protege os combóios marítimos norte-americanos que despejam reforços sobre reforços na Austrália, e que agüenta os dos abastecimentos à Inglaterra. O almirante americano é que, segundo as informações mais recentes, já tem como assente o objectivo de que «é preciso levar a guerra ao próprio território do Japão».

Estes factos mostram assazmente como o ambiente se transmutou no multivariado campo dos Aliados. Estamos longe do tempo em que somente se inquiria onde o inimigo ia atacar. Quasi se exige, dentro da finalidade exposta pelo general canadiano Mac Naughton, que não se espere mais a decisão do inimigo. A ideia de um terceiro e quarto ano de guerra sem soluções começa a enervar. A confissão de derrotas, a previsão de reveses já não vale como acicate do esforço colectivo. De toda a parte surge ferozmente o mot d'ordre que levou Cripps aos altos conselhos do ministério britânico: — É preciso vencer, e o mais depressa possível.

A POSIÇÃO ALEMÃ



GOEBBELS

Esse tom repercutido igualmente no campo do Eixo. Esta guerra tem de ser ganha a todo o custo — escrevia Goebbels no dia 24 — lembrando que se trata de uma carta decisiva para a Alemanha do hoje, isto é, para o Terceiro Reich. A mobilização geral atinge na terra alemã os menores sectores. Os próprios chefes dos Aliados reconhecem que a intensidade da produção germânica foi levada ao máximo, suprimindo-se as massas operárias incorporadas nas fileiras pelo levantamento das reservas, com outros contingentes de centenas de milhares de homens e mulheres oriundos dos países ocupados. O marechal Goering com razão agradecia às classes da lavoura o seu esforço, «os sacrifícios que têm feito» para assegurar uma alimenta-

ção sub-rationada como noutros países. E basta encararem-se em plano geral as perspectivas inevitáveis que em diferentes direcções diante de Hitler se desdobram, (qualquer delas de grande monta) para poder avaliar-se sem maior erro a grandeza dos recursos necessários para as atingir em todas as armas e no trabalho das retaguardas. O Observer, invocando informações fidedignas, apresentava-as há pouco nos seguintes sectores, para a totalidade dos teatros da guerra:

«1.º — Ataques aéreos em massa contra a Grã-Bretanha de maneira a reduzir enormemente o esforço britânico de produzir o material de guerra suficiente para equipar as suas forças militares e enviar auxílio bélico para a Rússia; 2.º — Ataques fulminantes contra a Suécia e contra a Turquia; 3.º — Ataques em massa contra as tropas imperiais britânicas em África, onde os alemães e italianos têm, pelo menos, agora, 18 divisões; 4.º — Ataques contra Vladivostok, prelúdio da invasão japonesa na Sibéria.»

A este esforço há-de juntar-se o cuidado extremo que a opinião pública (incluindo os países ocupados ou subjugados) vem exigindo.

E para se ver como as urgências das decisões definitivas se tensificam, note-se como, no dia 24, o Informador Oficial da Marinha nipónica, o capitão Hiraïda, reclamava também, por sua parte, «uma ofensiva violenta para o Japão se assenhorear do Índico e da Austrália, bases de operações de grande envergadura», antes que o inimigo recupere forças no Pacifico. Tal como aqui temos dito, esse portavoz considera errada a opinião de certos meios japoneses de que, com as riquezas das regiões do sul em seu poder, o império é já invencível. «Os recursos em matérias primas das regiões do sul ainda não são acessíveis, a-pesar de já estarem em mãos japonesas. Só quando o Japão as puder utilizar praticamente, ele estará em posição invencível». Ora o Japão está a sustentar-se de stoks, e não tem, como à Inglaterra fazem os Estados Unidos, quem lhos reponha. A conclusão a tirar é a de que também para ele a urgência de uma decisão cresce à medida que o seu ataque se aprofunda. A retirada dos Aliados (à parte o caso da capitulação de Singapura que uns justificam e outros se negam a compreender) não se fez sem que eles — como agora sucedeu nas Filipinas, em Samatra, em Java e na Nova Guiné — houvessem deixado núcleos de resistência. A esquadra americana vem castigando com fortes destruições oito bases nipónicas (entre as quais as das ilhas de Wake e de Marcus) no Pacifico. E detido, como já foi, o avanço fulminante das expedições em direcção à Austrália pelas reacções da

aviação de Mac Arthur depois do combate naval que durante três semanas os desfalcou de 50 navios, foi de Tóquio que veio a 25 o aviso de que se entrava em defensiva e de que a população do arquipélago devia começar a preparar-se para a defesa passiva contra bombardeamentos...

Nenhum destes factos deixaram de ser aqui previstos. Mas são por isto mesmo de registar na evolução dos acontecimentos, mórmente quando estes tomam visível aceleramento.

1918-1942



GOERING

ressurgir, por um lado, a maior e mais grave consequência desta imensa catástrofe na vida dos povos, e por outro um dos principais factores que determinaram o desfecho da Grande Guerra.

Qual a causa desta situação nova que levanta por todos os teatros e partidos da guerra o pendão da ofensiva? Eis-nos diante de um fenómeno que, sob os pontos de vista militar e económico, faz ressurgir, por um lado, a maior e mais grave consequência desta imensa catástrofe na vida dos povos, e por outro um dos principais factores que determinaram o desfecho da Grande Guerra. Ao cabo de dois anos de luta, o arruinamento económico dos Estados europeus atingiu proporções que os conduzirão fatalmente à falência, logo que se regressar à normalidade. Só o auxílio da América e dos Domínios manteve em brecha a Grã-Bretanha. Só uma organização formidável e uma gigantesca acumulação de provisões pôde dar à Alemanha a força capaz de resistir às necessidades próprias e dos países que argamossou no seu bloco, por aliança ou por conquista. Se, conforme as mais recentes ordens, de Goering, quarenta por cento da população da Alemanha vai ser submetida a maiores privações, não são, porventura, de colocar a par delas as da Inglaterra, onde Lytton força as oficinas, e as de todos os povos das nações ocupadas?

É um facto indiscutível que todos os recursos industriais próprios já não bastam aos beligerantes, que as matérias primas do solo europeu — entre as quais os combustíveis — se encontram esbaldadas. Agora mesmo se aponta na carência de petróleo a principal determinante dos objectivos da próxima ofensiva alemã contra a Rússia. A perturbação social em que o estado de ocupação, de empobrecimento geral e de esgotamento físico, além do nivelamento das classes, lançou as populações, gera temerosos perigos de convulsões futuras.

Até quando durará esta imensa e apavorante situação, não o sabem com exactidão os chefes e condutores, mas todos têm a convicção de que as sangrias nacionais não

poderão ser levadas a maiores extremos, e de que se torna inadivél aproveitar desde já todo o potencial disponível para desatar os nós dos grandes acontecimentos.

Ora, por um simile impressionante com a situação de 1918, foi precisamente na mesma altura em que, como então, a Europa se vê esgotada, que os Estados Unidos entraram na guerra.

Em 1939, na mais autorizada das revistas de técnica militar alemã, a *Militärwissenschaftliche Rundschau*, o competentíssimo vice-almirante Asmann, estudava qual a atitude que preferentemente deveria ser adoptada perante os Estados Unidos, em vista dos desenvolvimentos da guerra submarina à *outrance* «contra a navegação comercial, empreendida de golpe com 150 submarinos», e garantida por uma produção mensal importante, a qual o mesmo autor considerava bastante para ferir mortalmente a economia de guerra inimiga «antes que os socorros americanos aparecessem em força, em terra firme». Sabendo, porém, que uma guerra submarina assim feita, além de uma aliança anglo-americana, provocaria a intervenção dos Estados Unidos, os chefes alemães, relembrando-se talvez do caso do afundamento do *Lusitânia*, optaram (como realmente fizeram) por adaptar esse meio ofensivo à conveniência de evitar a intervenção da América do Norte, até que a situação militar alemã se consolidasse pela vitória sobre a Inglaterra e pelo desabamento da Rússia. É hoje fora de dúvida que se a invasão-relâmpago a leste houvesse obtido o rendimento previsto, Hitler não se se arriscaria a precipitar a entrada dos Estados Unidos na guerra — conhecendo, como todo o estado-maior alemão, que a América ao entrar na guerra pouco ou quasi nada arrisca, podendo no entanto sustentar indefinidamente a luta com um afincio e recursos de que não precisa de dar provas.

A MESMA QUESTÃO



TIMOCHENCO

Foi a ineficiência da invasão-relâmpago da terra moscovita contra Timochenko que fez baquear todo o sistema germânico de criar o *bastião europeu* do Reich, de transformar a Europa numa fortaleza inexpugnável. Foi nesse momento que se operou a conhecida cisão de critérios no estado-maior alemão chefiado por Brauchitch, da qual Hitler surgiu assumindo, entre generais abatidos, o comando supremo. Desde que a Europa não podia ser o *bastião*, o problema eventual dos desembarques inimigos — o magno problema do bloqueio napoleónico — reapareceu. Com a ameaça de divisões blindadas e de paraquedistas a saírem do bojo de navios, a costa francesa da Mancha, por exemplo, perdeu o seu valor estratégico de outrora. E só há um meio de o tentar evitar:

ocupar todos os portos europeus e africanos sobre o Mediterrâneo e o Atlântico, e os da Ásia desde Vladivostok ao Golfo Pérsico, provocar a dispersão do adversário em teatros de guerra distantes, e reforçar a guerra naval no plano estratégico, trazendo à batalha novas esquadras. A intervenção japonesa impunha-se para estes dois últimos efeitos. Com ela, Hitler julgou poder afrontar a entrada dos Estados Unidos na guerra. Foi essa a má hora para os Aliados, da qual o último discurso de Churchill na assembleia do partido conservador ainda emmurchedamente se resente ao descrever o quadro das derrotas no Pacífico e parcialmente na Líbia.

Ora, após o largo e forte arranco desse golpe nipónico, tinha de verificar-se que ele tocou o limite em que provocou a reacção do espirito ofensivo na Inglaterra e nos Domínios (causa dos dissídios políticos que os perturbaram há pouco a propósito da nomeação de Casey, ministro australiano em Washington para o Conselho do Pacifico em Londres, e da reclamação australiana da mudança d'este da capital britânica para a americana) e a reacção também ofensiva do exercito americano — demonstrada nos successivos desembarques de tropas expedicionárias na Austrália e na Irlanda.

Assim, a questão da defesa alemã do *bastião europeu* regressou à primeira forma, porque nem o adversário se dispersou, correndo atrás do disperso (esse, sim) ataque japonês, nem os Estados Unidos ficaram tolhidos. Hitler tem de anteparar o ataque russo com novas forças que foi procurar à Roménia e à Hungria. A questão sangrenta da Transilvânia embarga porém os seus apelos, quando centenas de milhares de sérvios, croatas, romenos e até búlgaros (pois este povo é eslavófilo, e tanto que um movimento militar teve há pouco de ser jugulado já depois de o rei Boris ser chamado a contas a Berlim) se levantam em armas regulares e operações de guerra. Hitler tem, ao mesmo tempo, de desfazer o exercito inglês na Líbia. Hitler tem, pela primeira vez, de criar e organizar a defesa continental.

Há dias, lia-se num telegrama de Estocolmo, emitido insuspeitamente pela *Havas*:

«Pela primeira vez, o informador oficial da Wilhelmstrasse dá a entender, no seu comentário quotidiano da situação, que a ofensiva da primavera não será talvez dirigida unicamente contra a Rússia. «Nem todas as forças do Wehrmacht — declarou em resumo — estão concentradas na frente oriental. Certo número de divisões estão prontas, noutros pontos do continente, a responder a todas as ameaças por parte dos aliados de Moscovo. O Comando Alemão tomou oportunamente todas as medidas para defrontar todas as eventualidades que se possam imaginar».

A linguagem é outra. Traz um som diferente.

Na Rússia, depois do general *Inverno*, vem (diz o mesmo despacho) o general *Lama*, e só depois virá a primavera. Uma outra fonte de informações assinala retardamento nos golpes alemães — que no entanto têm de dar-se antes de a intervenção dos Estados Unidos se fazer sentir porque, como dizia Von Reichenau, não é possível lutar em duas frentes. O coronel Kernan, traduzindo tendências do estado-maior norte-americano, insistia que a Europa é o principal teatro da guerra. Hitler pensa da mesma maneira. Do Pacifico ao Indico e ao Atlântico, a monção acusa mudança de ventos.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

GENERAL OSCAR CARMONA



Venerando Chefe de Estado, que, na próxima semana, vai iniciar o seu terceiro mandato na Presidência da República, para o qual foi eleito, numa apoteose de aplauso à sua obra, por todo o País. Após 14 anos de actividade na mais alta magistratura da nação, Portugal inteiro reconheceu, agradecido, a grandeza do seu sacrificio perante a aceitação da sua candidatura a novo mandato. O país, que conheceu 35 anos mais felizes da reconstrução nacional durante o exercicio do sr. General Carmona nas suas elevadas funções, espera, confiado, o futuro, entregues os seus destinos à sábia orientação dos grandes obreiros da Revolução Nacional.

DR. JOAQUIM MANSO



Ilustre escritor e jornalista, director do «Diário de Lisboa», figura de primeira grandeza nas letras e no professorado, que terminou agora a sua notável actividade pedagógica, assinalada por um tal alto espirito critico e por uma cultura tão excepcionalmente vasta. Um despacho publicado recentemente na folha oficial registou a aposentação voluntária do sr. dr. Joaquim Manso do cargo de professor da cadeira de história das literaturas dramáticas no Conservatório Nacional, no qual prestou notáveis serviços ao ensino, deixando, certamente, gratas recordações em quantos com elle tomaram contacto durante o tempo que se sentou na cadeira.

AUGUSTO DA COSTA



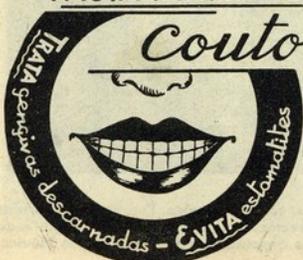
Escritor e jornalista. Nestes dois campos da sua actividade intelectual, adquiriu justos louros e os seus êxitos contam-se pelas obras que tem produzido, pelas produções que tem assinado. Esta semana, o seu nome figura numa das novidades literárias a sair do prelo. Trata-se do livro «O galo doido», uma edição da Parceria António Maria Pereira, que vai ter certamente o bom acolhimento que assinala todas as obras de Augusto da Costa. A época da Primavera que se anuncia, felizmente, fértil em produções literárias portuguesas, vai ter um bom começo. Respondem por elle o nome e a obra de escritor de Augusto da Costa — Prémio Ricardo Malheiro.

LUIZ FERREIRA



Conhecido jornalista, com uma vasta obra dedicada às crianças, redactor do jornal «República» e promotor e animador da simpática iniciativa daquêlê vespertino de levar, no próximo domingo — Dia de Páscoa — brinquedos, muitos brinquedos, aos infelizes internados no Sanatório do Outão. Tudo se conjuga para que a ideia, a exemplo dos anos anteriores, tenha o maior êxito, graças às certas feições por numerosas entidades e individualidades. Bem merece esse êxito e essa satisfação uma iniciativa tão digna de apreço e um esforço tão nobre como o de Luiz Ferreira, grande amigo dos pequeninos e protector dos que sofrem.

PASTA MEDICINAL



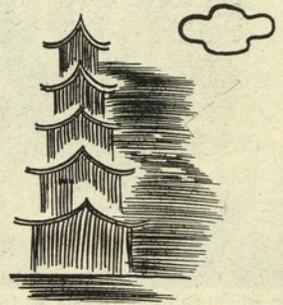
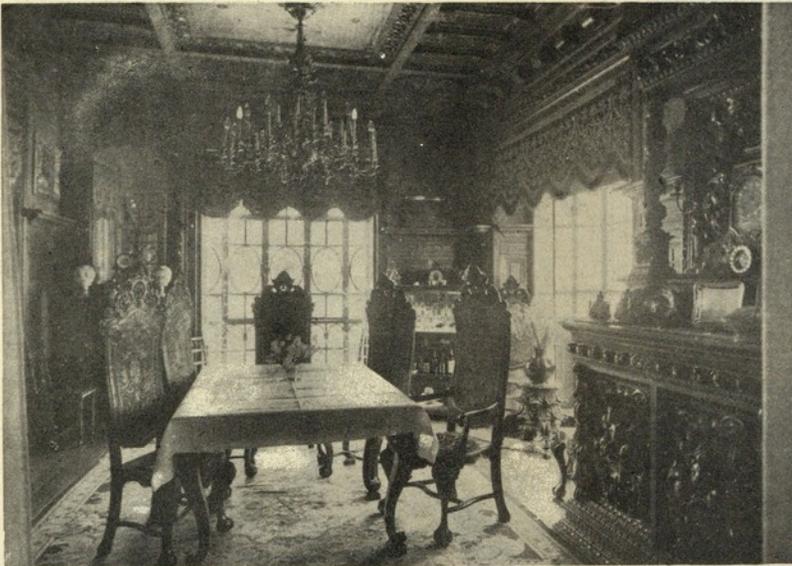
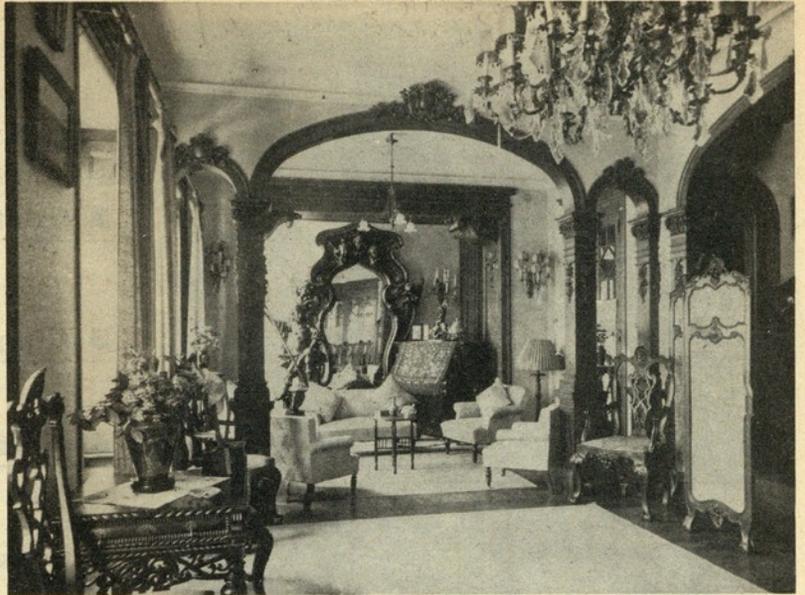
Vida MUNDIAL

JOSÉ CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

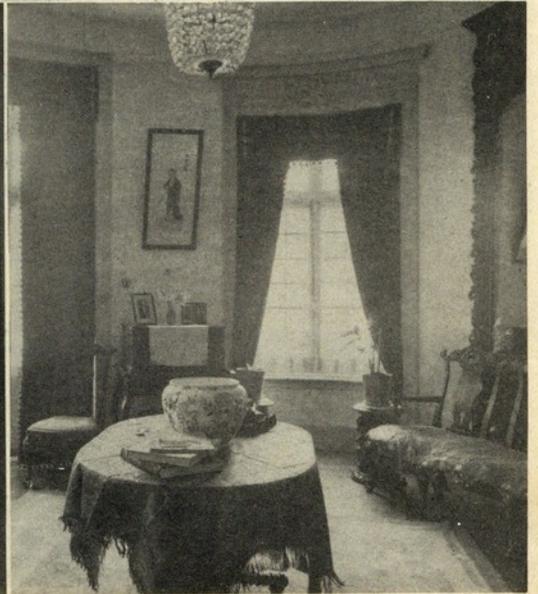


O DR. FRANK W. LEE, ministro plenipotenciário da China em Lisboa, fotografado especialmente para «Vida Mundial Ilustrada», com sua esposa. Formado nas escolas superiores de Nova-York e Chicago, o dr. Frank W. Lee exerceu no seu país os mais altos cargos, entre os quais os de director da Universidade de Xangai e de vice-ministro dos Estrangeiros, lugar para que foi nomeado em 1931. Antes de vir para Portugal, o dr. Frank exerceu funções diplomáticas na Polónia e no México.

* a * legação * da * China * em * Lisboa



CONTINUANDO A DEDICAR ALGUMAS DAS SUAS PÁGINAS aos diplomatas estrangeiros em Portugal e às instalações das respectivas embaixadas e legações, «Vida Mundial Ilustrada» apresenta hoje alguns aspectos da Legação da China, instalada na rua Andrade Corvo, onde se admira magníficas obras de arte e um ambiente acolhedor, revelador do fino espírito que preside à casa e do seu bom gosto. Em cima, um aspecto da sala de recepção, onde se encontram interessantes gravuras, quadros e objectos de arte; à esquerda, a casa de jantar, com uma preciosa mobília oriental; em baixo, duas salas de estar.





O NOVO MINISTRO DA COLOMBIA em Lisboa, D. Francisco Mecaña Bernal (à esquerda), saindo do Palácio de Belém, com o sr. dr. Henrique Viana, chefe do protocolo, após ter entregue as credenciais ao Chefe do Estado.



O SR. MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS junto do «Banco da Americana» inaugurado recentemente no Jardim Zoológico e construído com um donativo enviado por uma senhora daquele país.

AS NOVIDADES LITERÁRIAS A SAIR ESTE MÊS

editadas pela Parceria A. M. Pereira
são as seguintes:

A frente oriental

pelo Brigadeiro
Barrêto de Oliveira
(10\$00)

A França em Marrocos

por Urbano Rodrigues
(10\$00)

A frota alemã

por Maurício de Oliveira
(4\$00)

A batalha do Extremo-Oriente

por José de Freitas
(12\$50)

Verdades amargas sobre a França

por Louís Levy
tradução de Pedro Paiva
(10\$00)

O galo doido

por Augusto da Costa
(12\$00)



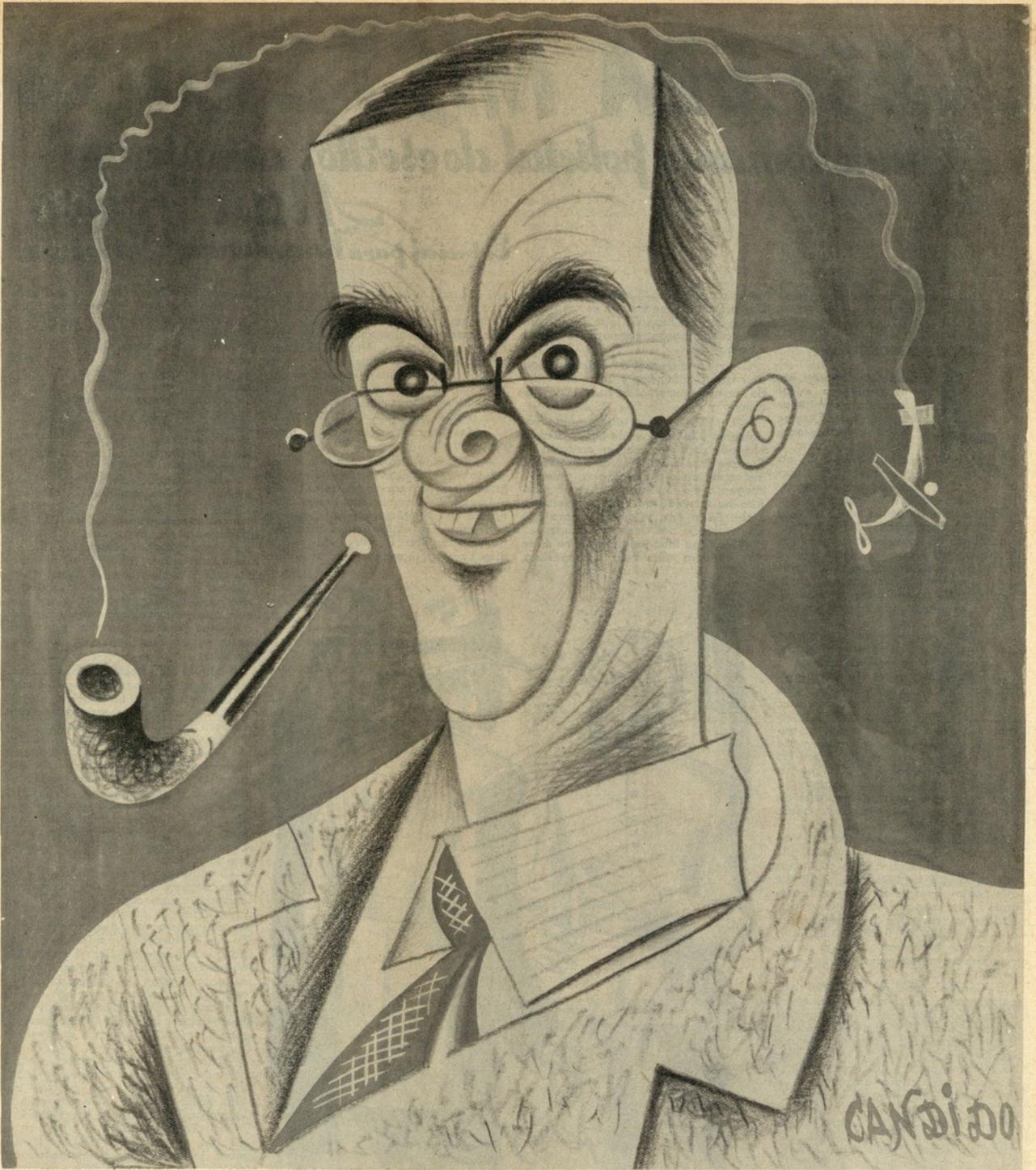
Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		G R U 31,75 m. (9,45 mc/s)	
13,30	Actualidades	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
22,00 (*)	Noticiário	G R X 30,96 m. (9,69 mc/s)	
		G S B 31,55 m. (9,51 mc/s)	
22,15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



Figuras da Vida
MUNDIAL

Vida
MUNDIAL
ilustrada

SIR STAFFORD CRIPPS, antigo embaixador britânico em Moscovo, que exerce agora as funções de Lord do Sêlo Privado no govêmo inglês e foi o portador das propostas de Londres à Índia, visto pelo grande caricaturista português Cândido Costa Pinto.

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO XV

NOTICIA ASSOMBROSA

Amãe de Dorothy estava nervosa e falava tão precipitadamente, que Charles Read se viu bastante embaraçado para a compreender. E, na verdade, alguns por menores depreendeu-os mais do que os entendeu.

Não restava, porém, a menor dúvida de que o depoimento de «mistress» Gordon abria novos horizontes nas investigações e que, se Read tivesse logo de início adivinhado a sua importância e a tivesse procurado, ou ouvido Dorothy antes do seu desaparecimento, estaria muito mais adiantado na sua tarefa.

O mistério da bola de aço, depois das revelações de George Marly, estava quasi esclarecido. Sabia-se a origem da esfera, quem era o seu legítimo dono, e qual o seu valor. As coisas principiavam a tornar-se confusas, mesmo tenebrosas, a partir da intervenção de John King. A posição do milionário naquella dédala confusa de acontecimentos — o furto da esfera ao indú, o desaparecimento da mesma esfera do coife de King, o rapto ou fuga de Judy e o rapto ou fuga da irmã — era o que causava agora maiores apreensões ao polícia.

A bem dizer, «mistress» Gordon, nas declarações atabalhoadas que fez, não passou de insinuações mais ou menos graves contra o milionário. Mas até que ponto corresponderiam elas à verdade? Era inegável, no entanto, que abriam um caminho ás investigações, que até então se fizeram num ciclo fechado de hipóteses que, sem as revelações do inglês, nunca mais se romperia.

E Charles Read pensava em não perder um minuto, em não hesitar um instante, perante a nova pista que se lhe apresentava. A grande incógnita daquelle problema da esfera de aço era, como o seu instinto o avisara logo no início, o próprio queixoso.

Sempre alimentara uma forte suspeita contra John King. A sua attitude nunca fôra clara, elle ocultava qualquer coisa de grave. Queria apoderar-se novamente do esfera, sem trair qualquer segredo que ella envolvesse. Nesses pontos, a sua attitude tinha flagrantes semelhanças com a do indú. Mas d'este já conheciam as razões. Crisnam Raicar era o provável ladrão da esfera. Fôra elle, provavelmente, quem a furtara ao maharajah, fugindo em seguida para a América. Sabia da história do inglês; daí o seu pavor em encontrar-se com elle e as suas recomendações para que não se dissesse a Marly as suas pretensões á bola de aço. Temia ter que entrar em explicações sobre os seus direitos á esfera, perante o homem que sabia que o maharajah fôra roubado. O inglês desmascará-lo-ia. A attitude misteriosa do indú estava, portanto, esclarecida.

O mesmo já não acontecia com John King. Porque se mostrava tão reservado? Porque lhe affirmara peremptoriamente que a pessoa que lhe tinha vendido a esfera tinha morrido? Quem lhe vendera a esfera por seiscentos mil dólares fôra Judy Gordon, segundo elle

próprio confirmara. Judy desaparecera. Uns diziam que se tratava de um rapto, outros de uma fuga. Só John King tivera aquella affirmação peremptória: Judy morrera.

O instinto maternal de «mistress» Gordon via no milionário o único causador do desaparecimento de Judy e de Dorothy.

— Eu não conheço senão muito vagamente isso da bola de aço — dissera ella, nas suas declarações confusas. — Sei que esse maldito objecto esteve cá em casa, mas eu nunca o vi. Quem o chegou a ver foi Dorothy. A irmã mostrou-lho, dizendo que era a esfera da sorte. Se o era, realmente, para nós não o foi. Só nos trouxe desgraça.

— Mas sua filha Judy nunca lhe disse que vendera essa bola a John King,

ceu. Mandava-nos aqui presentes a toda a hora. Um dia, Judy desapareceu. Afflita, ao cabo de três dias, sem noticias, atrevi-me a procurar King, num dos seus escritórios. Mostrou-se muito admirado do desaparecimento. Que estranhara, realmente, ella não lhe parecer, mas que attribuia a sua ausência ao facto de andar um pouco frio com ella. Tinham tido uma escaramuça.

— Mas King não se interessou pelas pesquisas?...

— Interessou — apressou-se «mistress» Gordon a confirmar. — Mas hoje estou firmemente convencida de que elle não quis senão salvar as aparências, mostrando um interesse que na verdade não tinha. Era esta também a opinião de minha filha Dorothy. Há poucos dias, Dorothy, remexendo por acaso uns

podereis para lhe causar grande dano. — Isso é grave — pronunciou o polícia. — Mas a que danos se referira John King?

— Tanto eu como Dorothy ficamos convencidas... de que elle a tivesse mandado matar — disse a pobre senhora em voz abafada.

O polícia quedou um momento pensativo. Depois disse:

— «Mistress» Gordon procurou, é claro, ter uma explicação com John King a propósito d'esse documento, não é verdade?

— Exactamente — confirmou a mãe de Judy. — Primeiramente, Dorothy lembrou-se de o procurar, «mister» Read, convencida de que o senhor, com um documento tão importante nas mãos, seria capaz de deslindar o mistério do desaparecimento da irmã e de fazer luz sobre a posição de King neste drama. Eu, porém, achava que não o devíamos incomodar. Segundo me disseram, o senhor estava muito occupado.

— Mas para um caso tão importante sempre arranjaria tempo — disse o «detective».

— Minha filha encheu-se de coragem e foi procurar King. Não lhe falou no documento que tinha em seu poder. Limitou-se a dizer-lhe ásperamente que elle era culpado do desaparecimento de Judy, por causa daquelle historia da esfera de aço. Elle enjeitou todas as responsabilidades. Recordou que pagara do seu bolso investigações para descobrir o paradeiro de Judy, tanto mais que estava convencido de que fôra ella quem desencaminhara a esfera, e, portanto, o encontro desta dependia do aparecimento de minha pobre filha.

«Dorothy regressou irritada. Não tivera coragem de lhe falar na carta que continha as ameaças. Depois, em casa arrependeu-se. Achava que lhe devia ter mostrado aquelle documento, pedindo-lhe explicações claras, de contrario, queixar-se-ia á Policia. Eu, temendo alguma fatalidade, aconselhei-a a não se occupar mais do caso. Lamentava muito a falta de Judy, mas não queria que a única filha que me restava soffesse algum prejuizo. O meu coração parecia que adivinhava o que veio a succeder.

«Uma tarde destas, Dorothy, contra os seus hábitos, fazia preparativos para sair. Perguntei-lhe onde ia. Não me quis dizer. Instei, e confessou-me que ia a casa de John King. Aconselhei-lhe muita prudência. Saí e nunca mais voltou... A noite, estranhando a demora, telefonei para King, perguntando-lhe por Dorothy. Mostrou-se muito surprehendido, alegando que ella não lhe apparecera. O resto sabe o senhor...»

«E a boa senhora chorava lágrimas convulsas. Charles Read tentou confortá-la conforme poudo, mas estava sobre braços. Precisava de agir quanto antes de contrario, arriscava-se a que Dorothy se perdesse como succedera á irmã.

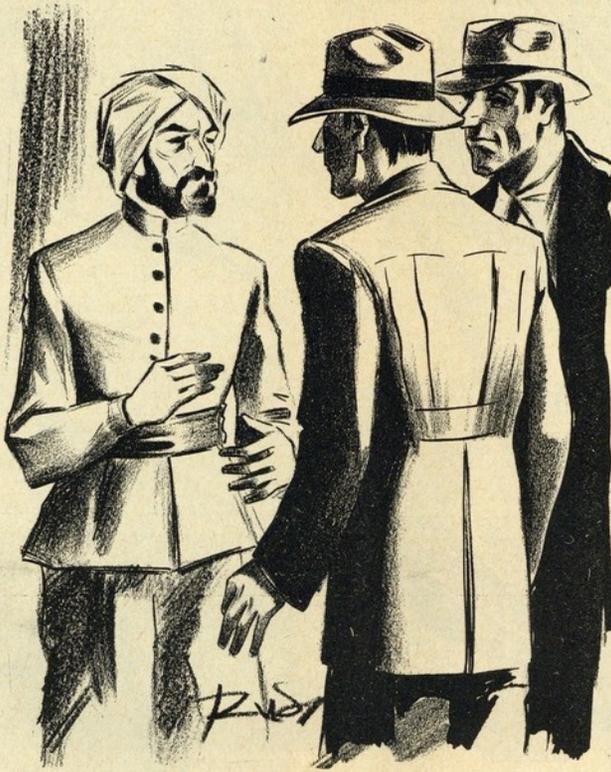
Acabava elle de relatar a Jack Harman este passo tão importante das investigações, quando sou a campainha do telefone. Foi o ajudante quem atendeu. Tapando o bocal do aparelho, murmurou:

— Fala-se de Diabo...

— É King? — perguntou-lhe Charles Read.

— Quere falar-te immediatamente.

O polícia estendeu a mão para o auscultador.



— Façam o favor de entrar. Meu amo tem muito gosto em recebê-los...

por seiscentos mil dólares? — inquirira Charles Read.

— Só mais tarde, depois de Judy ter desaparecido, me disse Dorothy que o desaparecimento da irmã devia ter sido por causa da tal esfera. Mas nunca percebi bem o caso. Sei que John King, quando andava perdido de amores por Judy, se mostrava muito nullo amigo. Eu nunca augurei bom resultado áquellas relações. Mas era mãe e, embora desgostosa, calava-me, soffria em silêncio. King deu muito dinheiro a minha filha Judy. Quanto, não sei. Ella esbanjava muito e levava uma vida de boémia que me enervava. King, sempre amável, arranhou um emprego a Dorothy no escritório dos Stone Brothers, onde o senhor a conhe-

cei. Mandava-nos aqui presentes a toda a hora. Um dia, Judy desapareceu. Afflita, ao cabo de três dias, sem noticias, atrevi-me a procurar King, num dos seus escritórios. Mostrou-se muito admirado do desaparecimento. Que estranhara, realmente, ella não lhe parecer, mas que attribuia a sua ausência ao facto de andar um pouco frio com ella. Tinham tido uma escaramuça.

— Mas King não se interessou pelas pesquisas?...

— Interessou — apressou-se «mistress» Gordon a confirmar. — Mas hoje estou firmemente convencida de que elle não quis senão salvar as aparências, mostrando um interesse que na verdade não tinha. Era esta também a opinião de minha filha Dorothy. Há poucos dias, Dorothy, remexendo por acaso uns

podereis para lhe causar grande dano. — Isso é grave — pronunciou o polícia. — Mas a que danos se referira John King? — Tanto eu como Dorothy ficamos convencidas... de que elle a tivesse mandado matar — disse a pobre senhora em voz abafada. O polícia quedou um momento pensativo. Depois disse: — «Mistress» Gordon procurou, é claro, ter uma explicação com John King a propósito d'esse documento, não é verdade? — Exactamente — confirmou a mãe de Judy. — Primeiramente, Dorothy lembrou-se de o procurar, «mister» Read, convencida de que o senhor, com um documento tão importante nas mãos, seria capaz de deslindar o mistério do desaparecimento da irmã e de fazer luz sobre a posição de King neste drama. Eu, porém, achava que não o devíamos incomodar. Segundo me disseram, o senhor estava muito occupado. — Mas para um caso tão importante sempre arranjaria tempo — disse o «detective». — Minha filha encheu-se de coragem e foi procurar King. Não lhe falou no documento que tinha em seu poder. Limitou-se a dizer-lhe ásperamente que elle era culpado do desaparecimento de Judy, por causa daquelle historia da esfera de aço. Elle enjeitou todas as responsabilidades. Recordou que pagara do seu bolso investigações para descobrir o paradeiro de Judy, tanto mais que estava convencido de que fôra ella quem desencaminhara a esfera, e, portanto, o encontro desta dependia do aparecimento de minha pobre filha. «Dorothy regressou irritada. Não tivera coragem de lhe falar na carta que continha as ameaças. Depois, em casa arrependeu-se. Achava que lhe devia ter mostrado aquelle documento, pedindo-lhe explicações claras, de contrario, queixar-se-ia á Policia. Eu, temendo alguma fatalidade, aconselhei-a a não se occupar mais do caso. Lamentava muito a falta de Judy, mas não queria que a única filha que me restava soffesse algum prejuizo. O meu coração parecia que adivinhava o que veio a succeder. «Uma tarde destas, Dorothy, contra os seus hábitos, fazia preparativos para sair. Perguntei-lhe onde ia. Não me quis dizer. Instei, e confessou-me que ia a casa de John King. Aconselhei-lhe muita prudência. Saí e nunca mais voltou... A noite, estranhando a demora, telefonei para King, perguntando-lhe por Dorothy. Mostrou-se muito surprehendido, alegando que ella não lhe apparecera. O resto sabe o senhor...» E a boa senhora chorava lágrimas convulsas. Charles Read tentou confortá-la conforme poudo, mas estava sobre braços. Precisava de agir quanto antes de contrario, arriscava-se a que Dorothy se perdesse como succedera á irmã. Acabava elle de relatar a Jack Harman este passo tão importante das investigações, quando sou a campainha do telefone. Foi o ajudante quem atendeu. Tapando o bocal do aparelho, murmurou: — Fala-se de Diabo... — É King? — perguntou-lhe Charles Read. — Quere falar-te imediatamente. O polícia estendeu a mão para o auscultador.

— Alô, «mister» King?
 — ...
 — Estou avançando devagar, mas com prudência — pronunciou o polícia, franzindo o sobrolho.
 — ...
 — Como?!...
 — ...
 — Será possível! — exclamou Read, muito agitado.
 — ...
 — Acha então que devo dar as investigações por terminadas?
 — ...
 — Não, «mister» King, não quero remuneração alguma. Eu até devia restituir-lhe o que cá tenho.
 — Está muito bem. Eu passo amanhã por sua casa. Tenho curiosidade em conhecer o caso em pormenor.
 — ...
 — Muito bem. Até amanhã.
 Cortou a ligação e, voltando-se para Jack Harman, atirou-lhe esta novidade que o deixou atônito:
 — A bola de aço já apareceu.
 — Como?!... Onde?!... — bradou Harman, dando um pulo, como se o tivesse queimado.
 — Em casa de John King. Foi encontrada esta manhã sobre a sua secretária.
 Ficaram ambos, um momento, a entreolhar-se sem poderem articular mais palavra.

CAPITULO XVI

A PRIMEIRA CARTADA

Charles Read foi o primeiro a reagir contra aquela espécie de aniquilamento em que ambos caíram ao receber a notícia inesperada do achado da esfera de aço. Dir-se-ia que o tomara uma súbita inspiração. Meteu, num movimento brusco, a mão ao bolso e pousando-a sobre a sua secretária, abriu-a, tirando nervosamente alguns papéis. Um era o pequeno embrulho que continha a madeixa de cabelo de Judy Gordon, outro era o cartão do indú, que rescava assim:

CRISNAM RAICAR

Médico pela Universidade de Filadélfia
 Lexington Avenue, 46 Nova-York

Permaneceu uns momentos a olhar absorto, ora os cabelos louros, ora o cartão de visita. Depois, tornando a guardar tudo no bolso, disse para Harman, que o espreitava desconfiado, como se temesse que o amigo houvesse endoidecido:
 — Vamos. Chegou o momento de agir!
 — E onde vamos nós?

— A casa de Crisnam Raicar.
 Pelo trajecto, Jack Harman fez várias tentativas de encetar uma conversa, mas o «detective», muito preocupado, não lhe respondia senão por monossílabos.
 — Tens algum novo plano? — perguntara-lhe o companheiro.
 — Talvez...
 — E que vamos fazer agora a casa de Raicar? Parece que a situação dêle, agora, é um pormenor secundário...
 — Talvez...
 — O que interessa agora descobrir é como a esfera foi parar a casa de King.
 — Talvez nunca de lá tivesse saído — disse enigmáticamente Charles Read.
 — E para que se deu King ao trabalho de revolver terra e céu para procurar uma coisa que estava em sua própria casa?
 — Não sei...
 Decididamente, Charles Read não estava em maré de tagarelice. Dir-se-ia importar-lhe mais pensar e agir, do que falar. Jack Harman resignou-se a permanecer calado olhando distraidamente o trânsito pela portinhola do «taxi», durante o resto do caminho.
 A residência de Crisnam Raicar, em Lexington Avenue, era um antigo «chalet» de «estilo mais ou menos afrancesado», com um pequeno parque bastante arborizado à volta.
 O «taxi» parou ao portão e o polícia mandou-o esperar.
 — Tencionas demorar-te pouco? — inquiriu Harman.
 — Tenciono — respondeu sêcamente o «detective».

O portão do gradeamento de ferro ornado de trepadeiras que rodeavam o pequeno parque estava apenas entreaberto. Read empurrou-o bruscamente e entrou a passo apressado. Ao fundo, a uns dez metros, via-se a porta do chalet, em madeira escura, chapeada de metal amarelo, que não primava pela limpeza.
 Charles Read caminhou rapidamente para a porta, à qual se chegava por um curto lance de umas escadas de pedra. O polícia galgou-as de um salto e premiu o botão que se via na umbreira.

Pairava um grande silêncio. Harman passando um olhar pelo jardim onde as plantas cresciam à vontade entre ervas daninhas, murmurou:
 — Parece uma propriedade abandonada...
 Efectivamente, desde a casa ao parque, tudo apresentava um aspecto de desolação.
 Decorreram dois longos minutos. Charles Read começava a impacientar-se, lá a premir de novo o botão da campainha, quando se abriu uma

nesga do batente e por ela surgiu uma face muito morena emoldurada num turbante amarelo sujo.

— Que deseja? — perguntou o asiático, de certo, um criado, pelo aspecto pobre e desleixado que Charles lhe entreviu no vestuário.
 — Falar a «mister» Raicar.
 — Quem é o senhor? — inquiriu o servo, que falava razoavelmente o inglês, e lançou a Harman um olhar desconfiado.
 — Diga a «mister» Crisnam Raicar, que está aqui Charles Read — respondeu o «detective», dissimulando a sua impaciência.

O indú tornou a fechar cautelosamente a porta e desapareceu.
 — O potife, em vez de nos mandar entrar, lecha-nos a porta na cara — comentou Jack Harman, de mau humor. Read não lhe retorquiu. Parecia refrear um grande nervosismo. Decorreram um, dois, três minutos. E não se ouvia nem mover uma palha no interior da casa.

Quando o polícia já começava a perder a paciência, a porta abriu-se novamente de mansinho e o criado de turbante, mostrando os dentes muito claros, num sorriso, pronunciou:
 — Façam o favor de entrar. Meu amo tem muito gosto em recebê-los.

Penetraram num ático muito escuro. A porta fechou-se logo, com se os visitantes tivessem medo que o próprio ar entrasse. E quasi a tatear, os visitantes seguiram o vulto do servo, que seguia na frente. Penetraram num corredor que cheirava fortemente a bafo. Dados alguns passos, voltaram súbitamente à direita e quasi tropeçaram nos primeiros degraus de uma escura escada de caracol que o criado foi subindo.

Em cima, havia uma sala mais clara, que devia ficar sobre o ático, e para a qual deitavam quatro portas, duas de um lado e duas do outro. A fundo via-se uma janela e, através das vidraças muito sujas de poeira, enxergava-se o vulto confuso do arvoredo do parque.

A uma das portas assomou a figura esguia do indú, com o seu sorriso atável.

— Grata surpresa! — exclamou, franzendo-lhes a entrada.
 Estavam numa pequena biblioteca. Paredes tôdas forradas de estantes, uma ampla mesa ao centro, a um canto uma secretária, algumas cadeiras antigas, foi o que Charles Read observou de relance. Sobre a secretária via-se alguns papéis mal arrumados, que confirmavam o desleixo geral da casa.
 Crisnam Raicar foi sentar-se à secretária, depois de chegar cadeiras aos visitantes.

— O coração adivinha-me gratas novidades — disse êle.
 Charles Read fitava distraidamente a papelada que se via sobre a secretária e parecia não ouvir as palavras do indú.
 Jack Harman, ignorando as intenções do amigo, não sabia que atitude tomar.
 — O senhor vive aqui como um anacoreta — disse Charles, por fim, como se accordasse para a realidade.
 — Quasi — confirmou Raicar. — Eu amo o sossego e o estudo. Tenho apenas um criado. E passo os dias aqui metido a estudar, a ler e a meditar.
 — Foi aqui que o senhor elaborou a fórmula nova do tal aço?

— Exactamente. Neste mesmo local — respondeu o indú. — E era aqui sobre esta secretária que eu tinha a «esfera de aço» à qual ninguém dava importância, porque ninguém sabia o que ela representava para mim.
 — Pois eu trago-lhe novidades sobre a esfera de aço — disse o polícia.
 — Sim?! — pronunciou o indú, cheio de ansiedade.

— A esfera já está nas mãos de John King.
 — Ah! — exclamou Raicar. — O senhor é um homem prodigioso. Nesse caso...

— Nesse caso — proferiu Read num tom de voz que Harman lhe desconheceu — é inútil sequestrar por mais tempo Dorothy Gordon!

O indú ergueu-se, como que impedido por uma moia. O seu rosto exprimiya uma estupefacção sem limites...

— Mas... O senhor... Como foi que... — titubeou êle.

Read lançou, num movimento rápido, a mão a um papel que estava em cima da secretária e meteu-o no bolso. Em seguida, ordenou ao ajudante:

— Harman, algema êsse homem, o ladrão da esfera e raptor de «miss» Dorothy.

O indú vergou a cabeça numa muda confissão.

(Continua)

VER, NO PRÓXIMO
 NÚMERO, OS RESULTADOS DO NOSSO CONCURSO SOBRE «A ESFERA MISTERIOSA».

OS PRÉMIOS DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

Os srs. dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, e António Ferro, director do S. P. N., com os escritores e artistas que receberam, durante a festa efectuada no S. Luiz, os prémios de 1941 do Secretariado da Propaganda Nacional.





OS ARTISTAS NACIONAIS E ESTRANGEIROS que tomaram parte na «Hora de Arte» de amizade luso-belga, realizada recentemente no Teatro Nacional.



UMA FORMAÇÃO DE INFANTARIA JAPONESA EM ACÇÃO NAS FELIPINAS. O comandante do batalhão dirige as operações empunhando uma espada.

SPIDA

SOC. PENINSULAR INDUSTRIAL DE AUTOMOVEIS, LD.^A

participa aos seus Ex.^{mos} Clientes que a

Secção de venda de

PEÇAS SOBRESSALENTES E ACESSÓRIOS

das marcas suas representadas

DODGE E DKW

se encontra instalada na Rua Rodrigues da Fonseca, n.º 25

Telefone P. B. X. — 44179 — 44180 — 40495

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Linha rápida da África Ocidental e Oriental

PAQUETE

“QUANZA”

A SAIR EM PRINCÍPIOS DE ABRIL, RECEBENDO CARGA E PASSAGEIROS PARA

Funchal, S. Tomé, Santo António do Zaire, Luanda, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Para esclarecimentos e mais informações:

Trata-se em

LISBOA — Rua do Comércio, 85 — Telefone 2 3021

PORTO — R. Infante D. Henrique, 73 — Tel. 1434

GARLAND, LAIDLEY & C.º, LIMITED

Estabelecidos há mais de um século

Agentes Gerais em Portugal das seguintes Companhias de Navegação:

Blue Star Line

Brocklebank Line

Furness, Withy & C.º Ltd.

United Fruit C.º

Booth Line

Cunard White Star Line

Lampart & Holt Line

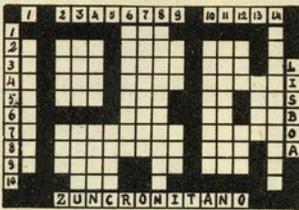
Yeoward Line

LISBOA — Tr. do Corpo Santo, 10, 2.º

PORTO — R. Infante D. Henrique, 131

VARIEDADES

PROBLEMA N.º 18



4 — Copé; Uso; Loxa. 5 — Fanal. 6 — Lar; Uje. 7 — Evio; Azul. 8 — Mês; Ira. 9 — Opaco. 10 — Lona; Ara; Sona. 11 — Ar; Panasio; Ut. 12 — Ralé; Mate. 13 — Lixa; Calo.

VERTICAIS: 1 — Teco; Alar. 2 — Doto; Oral. 3 — Os; Palemon; Li. 4 — Gagé; Avé; Apex. 5 — Friso. 6 — Lua; Pan. 7 — Asno; Mará. 8 — Lóá; Cas. 9 — Luzio. 10 — Exul; Gur; Soma. 11 — So; Ocelado; Al. 12 — Onix; Nuto. 13 — Anan; Tate.

HORIZONTAIS: 1—Jóia. 2—Abrev. de Autor; Nome de homem; Anagrama de Nabó; Mau cheiro; Vogal. 3—Abrev. de Norte; Fala; Comer; A éle; Consoante. 4—Consoante; Catafalco; Anagrama de Doca; Rédua de camelos. 5—Abrev. de Oeste; Causa; Arvore da Índia Portuguesa; Vapor; Estudei. 6—Consoante; Planta caparidea do Brasil; Duas consoantes de Trio; Indá. 7—Ide; Vila portuguesa; Enrugai. 8—Abrev. de Nota; Faço vistoria a; Anagrama de Rua; Abrev. de Sul. 9—Artigo; Declamar; Letras de Cota; Anagrama de Zás; Consoante. 10—Cincho; Artigo; Preparação.

VERTICAIS: 1—Relativo a Santo António. 2—O mesmo; Bagatela. 3—Mimo; Antigo instrumento músico, de cordas. 4—Estôfo de seda (inv.); Létrás de Rasco. 5—Aziago. 6—Revolucionário. 7—Vergar. 8—Retrógrado. 9—Mas; Sirga (inv.). 10—Vaso de barro, que levanta a água nas noras. 11—Grande navio de carga (pl.) 12—Teia (inv.); Grande. 13—Harmoniza. 14—Verrineiro.

Solução do problema n.º 17

HORIZONTAIS: 1—Dogo; Deso. 2—Tosa; Xona. 3—El; Galalau; In.



A MAIS RECENTE FOTOGRAFIA DO REI DOS BELGAS tirada nos jardins do castelo de Laeken pouco depois do casamento do rei Leopoldo com Liliane Baels, princesa de Rety. Junto do soberano vêem-se também seus filhos.



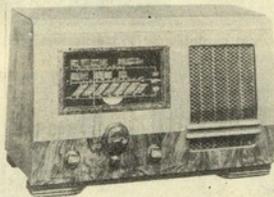
UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA à festa de homenagem a Gago Coutinho na séde do Vendedores do Jornais Foot-Ball Clube.



O CHEFE DO ESTADO, com os srs. ministro e subsecretário de Estado da Educação Nacional, subsecretário de Estado das Obras Públicas, drs. Marcelo Cretano e Reinaldo dos Santos, general Amílcar Mota e outras individualidades, no acto inaugural da exposição de pintura no Palácio da Independência.

“His Master’s Voice”

O NOME DE MAIOR PRESTÍGIO MUNDIAL NA REPRODUÇÃO DA MÚSICA



Modelos para
Corrente alterna
Corrente contínua
Baterias de 6 volts
Radio-gramofones

TODOS OS AMADORES DE RADIO DEVEM OUVIR

HIS MASTER'S VOICE

ESTABELECIMENTOS
VALENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97





**CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE**



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
Rainha da Hungria

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES

Vinho do Pôrto "GRAHAM,"

DA FIRMA

Guilherme e João Graham & C.^a

VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias

Guilherme Graham Júnior & C.^a

LISBOA

PORTO

R. dos Fanqueiros, 7-Tel. 20066/7 ♦ Rua dos Clérigos — Tel. 880/1



APYROL

**CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS**

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarías



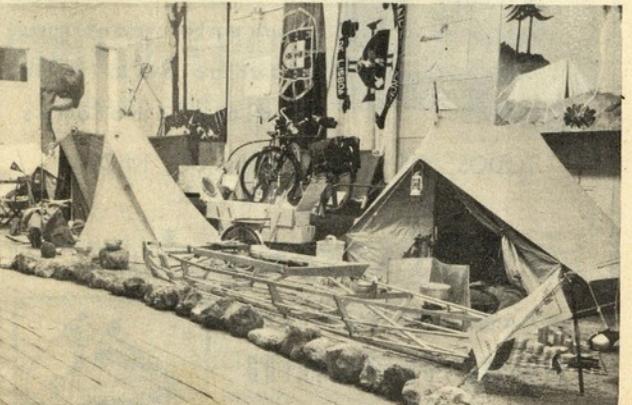
O NOVO COMANDANTE da Guarda Fiscal tomando posse do seu cargo perante o sr. sub-secretário de Estado das Finanças



OS PROFS. REINALDO DOS SANTOS E MARCELO CATEANO, Comissário Nacional da «Mocidade Portuguesa», assistindo à inauguração da exposição de cartazes e desenhos de Júlio Gil

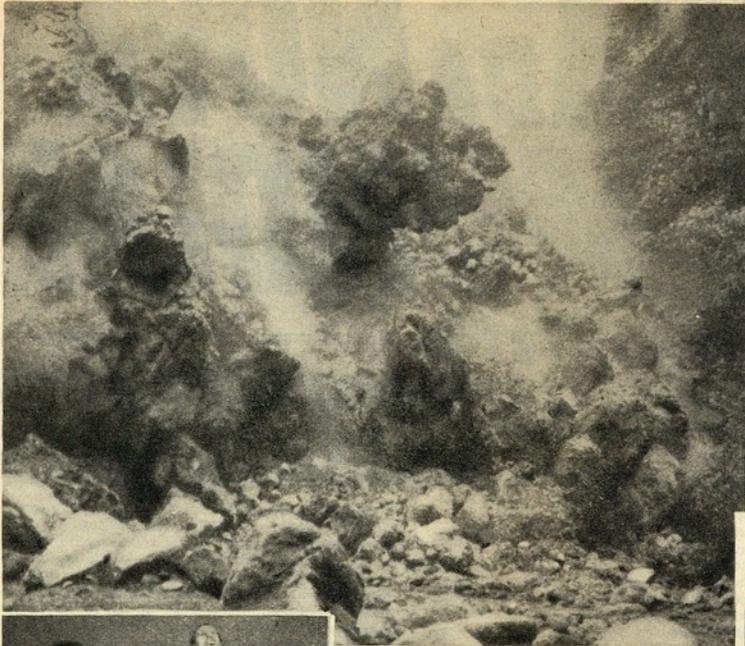
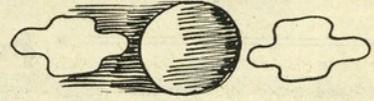


O SR. DR. FERREIRA DEUSDADO fazendo uma conferência sobre tauromaquia na sede do Grupo Sector I

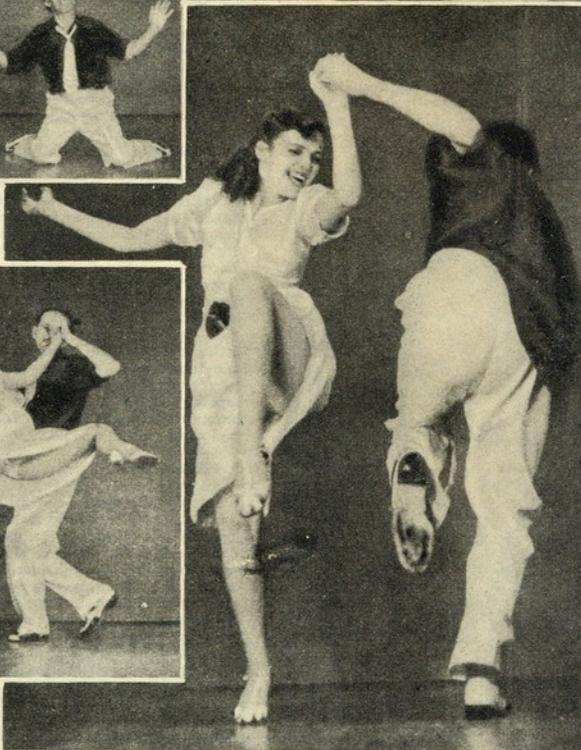


ASPECTO PARCIAL DA I EXPOSIÇÃO DE CAMPISMO, interessante iniciativa patrocinada pelo Ateneu Comercial de Lisboa

Imagens pitorescas do MUNDO



EM JAVA, onde a luta entre japoneses e holandeses atingiu recentemente grande intensidade, há um vulcão semi-extinto que, por vezes, entra em actividade. A foto da esquerda mostra um aspecto tirado numa dessas ocasiões, vendo-se a lava incandescente descer da montanha.



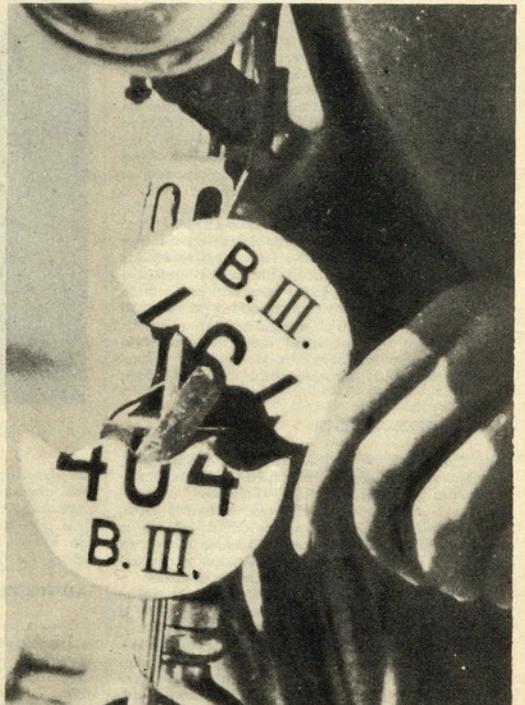
TRÊS PASSOS DUMA NOVA DANÇA AMERICANA que pretende destronar a «conga». Trata-se do «jitterbug Swirl», e é de inspiração australiana.



MAQUILHAGEM DUMA BAILADEIRA DAS ILHAS SALOMÃO, que a guerra arrastou também para o primeiro plano da actualidade.



A CASA DE GANDHI na aldeia de Sevagram, na Índia, habitação tão humilde como o é o seu proprietário.



PARA IMPEDIR OS ROUBOS DAS BICICLETAS, usa-se na Morávia este processo: A chapa da licença é partida ao meio e o seu proprietário fica com uma das metades no bolso. Quem for encontrado a pedalar sem apresentar o resto da chapa, é preso...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo VII a guerra no mar

2

A BATALHA DO RIO DA PRATA

A notícia recebida em Londres de que no Atlântico e no Índico operava, em guerra de corso, um couraçado de alibeira da Armada alemã obrigou o Almirantado a tomar medidas excepcionais de prevenção e vigilância. Uma divisão naval composta por três cruzadores, o «Exeter», o «Ajax» e o «Achilles», sob o comando do comodoro Harwood, foi encarregada de lhe dar caça. Soube-se depois que o couraçado de alibeira era o «Graf Spee» e que o comandava o capitão de mar e guerra Hans Langsdorff.

A tarefa cometida ao comodoro Harwood era difícil, dada a superioridade da artilharia do «Graf Spee» em relação à dos três cruzadores britânicos. Restava-lhe apenas a possibilidade de avariar o navio alemão sem expor as unidades do seu comando aos tiros do «Graf Spee». Mas era urgente que isso se fizesse pois as perdas causadas à navegação britânicas naquelas paragens aumentavam, em proporções inquietantes, e o prestígio naval da Grã-Bretanha era incessantemente posto em causa pelas acções do navio de corso.

O comodoro Harwood reuniu-se com os seus oficiais e ficou resolvido seguir uma tática que implicava riscos maiores. A divisão naval britânica dividiria as suas forças logo que chegasse ao contacto com o inimigo, obrigando-o a dispersar o seu fogo. O pensamento do comandante inglês consistia em colocar o «Graf Spee» entre o «Exeter», a unidade mais forte da divisão que comandava, e o «Ajax» e o «Achilles», iniciando logo o ataque. O «Graf Spee» não tinha velocidade para corresponder a uma tal manobra; mas podia concentrar todo o fogo da sua artilharia sobre cada uma das unidades atacantes reduzindo-as sucessivamente. Para isso era indispensável que se decidisse a combater jogando tudo no combate. As instruções recebidas pelo comandante Langsdorff diziam-lhe que ele devia atacar a navegação de comércio procurando evitar qualquer encontro com unidades da marinha de guerra britânica. Foi no cumprimento dessas instruções que o «Graf Spee» agiu. Pelo contrário os ingleses estavam decididos a combater quaisquer que fossem as consequências e os resultados da luta.

O «GRAF SPEE» À VISTA

Na madrugada do dia 13 de Dezembro de 1939, um dos navios da divisão britânica, o «Exeter», que combatava o paquete francês «Formose», comunicou que o couraçado de alibeira estava à vista. Harwood mandou imediatamente igrar no «Ajax», a bordo do qual se encontrava, a famosa divisa de Nelson: «A Inglaterra espera que todos cumpram o seu dever». Oito minutos depois de avistado, o «Graf Spee» abria fogo com as suas poderosas peças de 280 mm. Um tiro comprido, visando o «Exeter», um tiro curto, procurando atingir o «Ajax».

Os adversários estavam a uma distância de mais de vinte quilómetros. Os navios ingleses começaram, então, a sua manobra infernal. O «Exeter» correu sobre o inimigo e lançou-se ao ataque depois de ter percorrido aproximadamente cinco quilómetros. A precisão e a rapidez do tiro que desenvolveu obrigou o «Graf Spee» a concentrar sobre ele o fogo da sua artilharia principal. As primeiras salvas do navio alemão não atingiram o alvo.

Mas em breve uma das suas granadas tocou o «Exeter», matando os serventes do tubo lança-torpedos, avariando as comunicações do navio e destruindo as chaminés e os projectores. Entretanto o «Achilles» e o «Ajax», que diminuíam a distância que os separava do inimigo, começaram, por sua vez, a disparar com uma precisão notável. O «Exeter», atingido por novas salvas, passou a estar seriamente avariado e adornou.

O «Ajax» aproveitou a circunstância de o «Graf Spee» ter as suas atenções e a sua artilharia concentradas sobre o «Exeter», que se propunha liquidar, para se aproximar temerariamente d'ele e, a coberto duma cortina de fumo, lhe despejar duas salvas na popa e na torre directora e com um rombo abaixo da linha de água que provocou a inundação imediata dum dos seus compartimentos. As salvas do «Ajax» provocaram também baixas entre o pessoal de bordo. O próprio comandante



Comandante Harwood

do «Graf Spee» ficou ferido numa das mãos. O navio alemão procurou evitar um castigo maior e manobrou nesse sentido. Mas o «Ajax» e o «Achilles» perseguiram-no, chegando a penetrar na cortina de fumo lançada pelo navio alemão, disparando sobre ele a uma milha de distância.

AO FIM DE 18 MINUTOS

Devido à precisão de tiro dos navios ingleses, o «Graf Spee» foi obrigado a dividir, novamente, o seu fogo. Atirando sobre o «Ajax» e o «Achilles» aliviu o «Exeter» que pôde, assim, disparar, embora sem resultado, os seus torpedos sobre o inimigo. Aquêles dois navios ingleses tinham aumentado a sua velocidade de 14 para 28 nós, realizando em vinte minutos uma audaciosa manobra que, normalmente, devia demorar pelo menos duas horas.

Para regular o tiro, o «Ajax» catapultou o avião que trazia a bordo. Este, ao mesmo tempo que se desempenhava da sua missão, metralhava o convés do «Graf Spee». Enquanto a artilharia d'este voltava a concentrar-se sobre o «Exeter» este quinquava perigosamente a fim de o atingir com torpedos lançados dos tubos de bombordo. Quando manobrava para isso, o «Exeter» recebeu mais dois tiros, um dos quais lhe avariou uma das torres de vante indo o outro furar-lhe o costado, provocando um incêndio na ponte. O avião do «Ajax» comunicou então: «Desapareceu completamente entre o fumo e as chamas. Receio que se tenha afundado». A informação não era exacta. O «Exeter» não se afundara. Mas naquela altura a importância das suas avarias podia resumir-se assim: Só uma das suas torres, a da popa, continuava a funcionar; o governo fazia-se por meio duma agulha magnética de escaler, pois as agulhas giroscópicas estavam todas avariadas; as comunicações eléctricas e a matriz na interior do navio tinham deixado de funcionar, dentro d'ele lavrava um grande incêndio; alguns dos seus compartimentos estavam inundados. Mas o navio continuava a lutar. Logo que pôde disparou os tubos de bombordo, mas a salva falhou o alvo. O «Exeter» colocou-se em direcção paralela à do inimigo e, a pesar de adornado, disparava incessantemente os dois canhões da popa.

O «Graf Spee», por seu lado, alvejava o «Achilles», provocando-lhe avarias e baixas a bordo, mas não diminuindo a eficiência do seu tiro. O combate, cujas peripécias se tinham desenrolado com uma rapidez impressionante, durava exactamente há dezto minutos. Por quanto tempo iria ele ainda prolongar-se?

A PERSEGUIÇÃO

Dois minutos depois o «Graf Spee» resolvía abandonar a luta. A coberto duma cortina de fumo e fazendo a sua marcha em zigue-zague, dirigiu-se para oeste. Qual seria a intenção verdadeira do seu comandante? O «Exeter» não estava em condições de o perseguir. Mas o «Ajax» e o «Achilles», que navegavam a 31 nós, guinaram para iniciar a perseguição, colocando-o em posição de não poderem utilizar a artilharia de ré. O «Exeter» seguiu-os a distância, continuando a disparar com as duas peças que lhe restavam.

Durante a perseguição o duelo de artilharia manteve-se com a mesma intensidade e as mesmas características. O «Ajax» e o «Achilles», em corrida, manobram de forma a poderem utilizar a sua artilharia principal, o que fizeram com uma precisão de tiro excepcional. Os seus ataques audaciosos, feitos a uma distância muito curta, compensavam vantajosamente a superioridade que o inimigo tinha em armamento. O «Graf Spee» resolveu então navegar de proa para o «Exeter», certamente para o liquidar de vez.

Foi então que Harwood obrigou o navio alemão a mudar novamente de rumo e a voltar-se para os dois outros navios do seu comando. A distância que os separava não excedia, nesse momento, dez quilómetros. O «Ajax» e o «Achilles» insistiram no seu ataque que provocou, nessa altura, um incêndio importante a bordo do navio alemão. Entre ele e o «Ajax» a batalha crescia de intensidade e de vigor. O avião d'este aproximou-se do «Graf Spee» para avaliar da gravidade das avarias registadas a bordo, mas foi obrigado a afastar-se rapidamente pela artilharia anti-aérea.

Como o fogo dos ingleses não cessava nem afluxasse o ritmo do combate, o «Graf Spee» procurou liquidar os seus navios utilizando toda a artilharia de bordo. Uma granada partiu o mastro grande do «Ajax», destruiu a parte aérea da antena e

provocou novas baixas. Mas nada fazia calar a artilharia britânica. Duas horas depois de ter sido avistado, o «Graf Spee» resolvia, definitivamente, escapar à perseguição do adversário. Harwood avisou a navegação do rumo que ele tomara e da velocidade que levava. E continuou, incansavelmente, no seu encaicho.

AVARIAS GRAVES

O combate, que se iniciara pouco depois das 6 horas da manhã, estava, às 11 horas, transformado em franca perseguição. A essa hora o «Graf Spee» imaginou um estratagemas para se livrar dos seus perseguidores. Ao passar pelo cargueiro inglês «Shakespeare», que navegava naquelas paragens, enviou ao comandante da divisão naval britânica uma mensagem em que dizia: «Queiram recolher as embarcações do vapor inglês». A bordo do «Ajax» facilmente verificaram que o «Shakespeare» tinha as suas embarcações içadas e que de nada precisava.

A perseguição prolongou-se durante todo o dia. Ao cair da tarde, o «Graf Spee» e o «Ajax» encontravam-se, de novo, a uma distância aproximada de 24.000 metros. Renovou-se, nessa altura, por pouco tempo, o duelo de artilharia. A intenção do couraçado alemão tornou-se evidente. Era seu propósito entrar no estuário do Rio da Prata evitando, finalmente, a perseguição de que estava sendo objecto e procedendo, depois, à reparação dos estragos causados pelo combate.

Foi nesse sentido que o «Graf Spee» manobrou, desde o sol posto, contrariado, no seu intento, pelos dois navios ingleses que procuravam decidir a contenda imediatamente. A coberto duma nuvem de fumo, o navio alemão abriu de novo fogo contra o «Achilles», com as peças de 280 mm.; a réplica do barco inglês foi imediata e vigorosa. O «Spee» deixou de fazer fogo e a perseguição do «Achilles» continuou. Cerca das nove e meia a artilharia voltou a trocar. Pouco depois das nove e meia encontrava-se apenas a sete milhas do canal de Montevideo. Por volta da meia noite largava ferro no porto uruguaio. A batalha e a perseguição que dela resultara tinham durado exactamente dezoito horas.

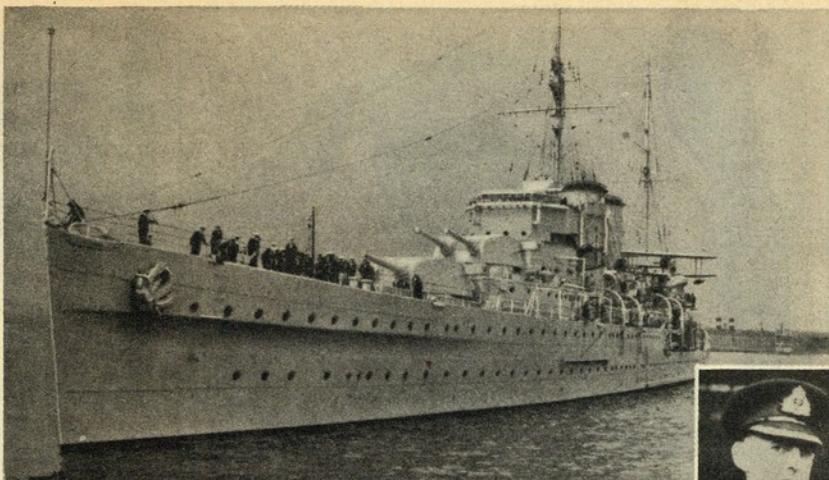
Uma vitória rápida verificou a bordo as seguintes avarias: vinte e sete furos no costado, um dos quais na linha de água, tinha grandes dimensões; avarias graves na instalação eléctrica, lavanderia, padaria, cozinha e vaporizador; avarias graves na direcção de tiro principal. Trinta e seis mortos e feridos era o balanço das baixas registadas em consequência da luta.

O REFÚGIO DE MONTEVIDEU

A divisão naval britânica também sofreu prejuízos sensíveis. O navio mais atingido foi o «Exeter», atingido quarenta e cinco vezes. Quando foi posto fora de combate, o «Exeter» tinha a bordo cinco oficiais mortos e três feridos; das praças havia cinquenta e seis mortas e vinte feridas. As avarias a bordo tinham-no impedido de colaborar na perseguição de «Graf Spee». A pequena velocidade, o «Exeter» retirou-se em direcção às Falkland. O «Ajax» e o «Achilles» assistiram ao afundamento do navio que tão tenazmente tinham perseguido. As duas unidades conseguiram desempenhar-se cabalmente da missão que lhes havia sido confiada: não perder de vista o «Graf Spee», guardando, em relação a ele, uma distância bastante para não suportar os efeitos do seu fogo. Para isso utilizaram em proporções compensadoras, a margem de superioridade que tinham em andamento. Assim conseguiram esgotar o navio alemão obrigando-o a acalhar-se a um porto de refúgio.



Comandante Woodhouse



O cruzador «Exeter», de 8.300 toneladas, lançado à água em 1929, um dos bargos de guerra ingleses que tomou parte na batalha do Rio da Prata e o que nela sofreu mais avarias. À direita, em baixo, o comandante do navio, capitão Bell.

A partir desse momento, a sua sorte estava ditada de maneira inequívoca.

Entre o ministro do Reich em Montevideo e o ministério dos estrangeiros do Uruguai iniciou-se uma discussão correcta sobre o tempo de permanência do navio naquêllo porto. Invocando a Convenção de Haia, o Governo uruguaio resolveu fixar esse prazo em setenta e duas horas. As reparações a consentir diziam apenas respeito à segurança de navegação e não podiam contribuir para aumentar o poder militar do navio. O prazo terminava às 20 horas do dia 17 de Dezembro. Era manifestamente impossível colocar o navio em condições de voltar a combater. Fora da baía de Montevideo, o que restava da divisão britânica, o «Ajax» e o «Achilles» — pois o «Exeter» diminuira sensivelmente a sua velocidade em consequência das avarias que sofrera — aos quais se juntara o cruzador «Cumberland», exerciam uma vigilância aturada. Ao «Graf Spee» restava apenas a possibilidade de escolher entre uma destas soluções; aceitar, de novo, combate em condições de manifesta inferioridade; deixar-se internar pelo período de guerra; proceder à tripulação ao seu afundamento.

AFUNDAMENTO E SUICÍDIO

Depois de meter nafta e mantimentos e tendo procedido às reparações mais urgentes, o «Graf Spee» preparou-se para abandonar o porto de Montevideo um pouco antes de expirar o prazo que lhe fora concedido. Parte da sua guarnição tinha passado para o «Tacoma», navio que o auxiliara durante as acções de corso no Atlântico Sul. Seguido por seis embarcações, fez-se ao mar pouco depois das 19 horas do dia 17 de Dezembro. Em certa altura parou e a parte da guarnição que ficara a bordo foi transferida para as embarcações. Meia hora depois, por misto duma espalota de tempo, dava-se a primeira explosão a bordo. A esta outras se seguiram, com pequenos intervalos. O fogo a bordo produziu-se por algum tempo. Passadas duas horas, o «Graf Spee» afundava-se. Tinha percorrido seis milhas desde o limite do porto. A guarnição seguiu, no «Tacoma» e nas embarcações a que se recolhera, directamente para Buenos Aires. Foi internada. O comandante Langsdorff que, com todas as honras, fora abrigado no quartel de marinheiros da capital argentina, suicidou-se no dia 20 de Dezembro.

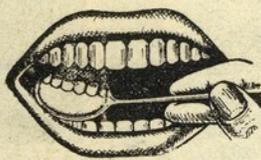
A notícia da proeza realizada pelos navios do comando de Harwood teve em Londres uma repercussão compreensível. O comandante da divisão, foi promovido a almirante; foram igualmente promovidos os comandantes do «Ajax», capitão de mar e guerra Woodhouse, e do «Exeter», capitão de mar e guerra Bell. Na Alemanha espalhou-se a notícia, a que se referiu o jornal «Angriff», de que os ingleses tinham empregado na luta granadas de gases. Um conhecido especialista de olhos uruguaio, o dr. Walter Mehrhoff, foi especialmente encarregado de examinar as lesões sofridas pelos tripulantes do navio alemão. Para isso procedeu, a bordo d'ele, a um exame rigoroso e demorado, concluindo pela afirmação de que os feridos deveriam ser vistos por outros colegas seus. O governo do Uruguai, dando satisfação a este desejo, nomeou uma comissão de médicos navais e civis, os quais elaboraram um relatório em que se afirmava que nenhum dos marinheiros examinados apresentava sintomas de ter sido atingido por qualquer gás. A atitude das autoridades de Montevideo, negando permissão ao «Graf Spee» para permanecer no porto além do prazo de setenta e duas horas previsto pela Convenção de Haia, também foi objecto de vivas críticas nos meios oficiais alemães. Uma outra versão, que os factos também não confirmaram, dizia que, durante o funeral das vítimas do «Graf Spee», a que assistiram, alguns marinheiros britânicos se teriam portado de maneira incorrecta.

Quanto aos verdadeiros motivos que levaram o capitão de mar e guerra Langsdorff a pôr termo à existência, constituem eles um dos mistérios desta guerra, o qual, segundo todas as probabilidades, só será revelado quando a paz voltar a reinar no mundo. Considerou-se o comandante Langsdorff único responsável da derrota e nessas condições quis expiar a culpa que a si próprio atribuía? Era opinião sua que o navio se devia afundar em combate, mesmo que de antemão fôsse conhecido o seu desfecho? Talvez em ambas haja uma parcela de verdade. De qualquer forma o seu exemplo suscitou, em toda a parte, um sentimento geral de respeito que o tempo não conseguiu fazer esquecer.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial)

**Gengivas são
Dentes fixos, sem
cárie e sem piorreia**



Só com PARGIL
(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «microbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, uma fórmula complexa (que inclui uma cultura antimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas táecas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



SIM, OS SEUS CABELOS EMBRANQUECEM

Mas ainda é tempo, com a condição de actuar depressa, de conservar os que lhe restam e assegurar o rejuvenescimento dos seus cabelos. O tratamento é simples e prático: tódas as manhãs, termine a sua «toilette» por uma fricção na cabeça com PETRÓLEO HAHN. Nenhum produto possui, com efeito, no mesmo grau, as propriedades estimulantes do petróleo sobre o couro cabeludo. O poder de penetração, bem conhecido, deste líquido permite-lhe impregnar as profundas camadas dos tecidos, impenetráveis a outros produtos, e actuar directamente sobre as papilas produtoras dos cabelos para os revitalizar. O PETRÓLEO HAHN é um petróleo puro que possui tódas as qualidades naturais do petróleo bruto. Agradavelmente perfumado, não engordura. Recomendado pelo Corpo Médico, o PETRÓLEO HAHN é soberano contra a queda dos cabelos e caspa, fortifica o couro cabeludo e assegura a beleza e a conservação perfeita dos cabelos.

PETROLEO HAHN

À venda nas perfumarias, etc.
Depósito: Rua da Assunção, 88, Lisboa

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
Ondas médias	m. 221.1	(kcs 1357)	20,10
	m. 263.2	(kcs 1140)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LÍNGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

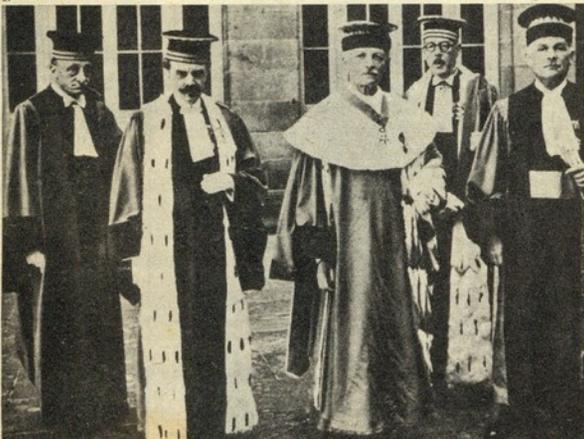
Em M. 25,70 (KCS 11695) e 30,52 (KCS 9830)



O SR. JAIME FERREIRA EFECTUOU NA CASA DE ESPANHA, do Porto, uma conferência sobre a poesia de Rosália de Castro. Maria San Pedro Martin recitou obras da grande poetisa galega.



NA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PORTO, o prof. Brass, do Instituto Inglês de Coimbra realizou uma conferência sobre o compositor Henry Pucel.



OS MEMBROS DO TRIBUNAL DE RIOM que está actualmente a julgar Daladier, Gamelin, Blum e os outros acusados. Ao centro, o presidente do Tribunal, Caous. À direita, o procurador geral Cassagneau.



A INFANTARIA ITALIANA conquista, casa por casa, após violentos combates, uma aldeia russa da Bacia do Donetz, onde a luta tem estado acesa.

FINE

COM A PARTIDA DA FROTA BACALHOEIRA para águas da Terra Nova, e a chegada da primavera, vê o pescador português animar-se a faina da pesca, luta constante e perigosa com o mar que é toda a razão da sua existência. (Foto do artista J. Kirchener, especial para «Vida Mundial Ilustrada»).

